

O LOBO DA ESTEPE E A REPRESENTAÇÃO DO HOMEM DO FUTURO

STEPPENWOLF REPRESENTING THE MAN OF THE FUTURE

Bruna Arozi Abelin¹

Maria Eulália Ramicelli²

RESUMO: O homem moderno está constantemente se aperfeiçoando e em incessante mudança de sua identidade. Essa busca se dá por meio da desconstrução e da reconstrução do “eu”, o qual é afetado pelo mundo e pelo outro. Deste modo, o romance *O Lobo da Estepe* dialoga com a crítica moderna que aborda questões relacionadas a essa construção e aprimoramento individual constante do sujeito da primeira metade do século XX. Através de elementos formais narrativos, tais como personagem e espaço, é possível acompanhar de que forma se dá esse trajeto da construção do “eu” e dos “eus”.

Palavras-chave: Identidade. Herman Hesse. Literatura.

ABSTRACT: Modern man is constantly improving and changing his identity. This search is given through the deconstruction and reconstruction of the "self", which is affected by the world and the other. Thus, the novel *The Steppenwolf*, dialogues with modern criticism which addresses issues related to the constant construction of the individual and the enhancement of the subject of the first half of the twentieth century. Through formal narrative elements such as character and space, we can track how this path is given of the construction of "self" and "selves".

Keywords: Identity. Herman Hesse. Literature.

“Se cada um de nós pudesse realmente ser varrido por uma bala de fuzil, não haveria sentido algum em relatar histórias, pois cada homem não é apenas ele mesmo; é também um ponto único, sempre importante e peculiar, no qual os fenômenos do mundo se cruzam daquela forma uma só vez e nunca mais.” Hermann Hesse

O homem moderno vive em constante aprimoramento de sua identidade, aprimoramento que se dá por meio da desconstrução e da reconstrução do “eu”. O “eu”, que é afetado pelo mundo e pelo outro, reflete o pensamento moderno do sujeito individual que vive no mundo através da própria experimentação. *O Lobo da Estepe*, romance de Hermann Hesse publicado em 1927, que tem como

¹ Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista FAPERGS.

² Pós-Doutora pela Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines. Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da UFSM.

personagem principal Harry Haller, homem de meia idade, instruído e erudito, trata, de modo significativo, do tema da representação do sujeito em transição e em deslocamento em uma época relativamente estável e com valores definidos, que perdurou ao longo do século XIX e início do século XX, para outro momento, caracterizado pela instabilidade pós-primeira guerra mundial.

O período que compreende a passagem do século XIX ao XX foi de transição, quando o homem, em sua forma de agir, pensar e compreender o mundo, passa por profundas alterações. A filosofia, a literatura e a arte – válvulas pelas quais o homem compreendia e experienciava o mundo no século XIX –, aos poucos perdem espaço para adventos gerados pelo pragmatismo científico, que passa a explicar os fenômenos do mundo e do ser, chegando ao seu auge na primeira metade do século XX. As implicações dessa mudança de paradigmas, não apenas na maneira do homem relacionar-se com o mundo, consigo e com o outro, dizem respeito também à maneira de representar a si próprio, ao outro e ao mundo. Essa representação está construída em *O Lobo da Estepe* através da forma e do conteúdo. Assim, pretendo discutir três elementos que considero importantes na trajetória do protagonista Harry Haller em busca de sua identidade: a multiplicidade do sujeito, o suicídio e a alteridade.

Ao entender representação como a produção de sentidos através da linguagem, Stuart Hall, em “El Trabajo de la Representación³”, tece algumas considerações importantes sobre esse conceito, afirmando que, sendo uma questão cultural, pode ser concebida de diferentes maneiras em diversas culturas e épocas, estando também vinculada a sistemas de linguagens, códigos e mapas conceituais. Convergindo com o ponto de vista de Hall, Antoine Compagnon, no capítulo “O mundo” de *O demônio da teoria*⁴, levanta questões sobre como é entendida a representação (*imago mundi*) através da literatura, e apresenta um panorama das concepções de representação. Segundo Compagnon, em oposição à ideia de que a literatura remete ao mundo (como na *mimesis* de Aristóteles), a teoria literária

³ HALL, Stuart. El Trabajo de la Representación. In: Stuart Hall (ed.). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. Traducido por Elías Sevilla Casas. London: Sage Publications, 1997.

⁴ COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria; literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

defendeu a ideia de sua autonomia em relação à realidade. Passou-se a supor que a literatura não mais representava coisa alguma, falava apenas de si mesma; tinha-se tornado autorreferencial: já não havia necessidade de procurar os modelos da Duchesse de Guermantes, de Proust. Não mais se lia para descobrir a realidade das coisas, mas em função das referências que a literatura fazia a si mesma. Essa concepção foi inspirada na teoria de Saussure, segundo a qual a significação dos signos linguísticos é diferencial e não referencial. Antoine Compagnon afirma que um significante não dá acesso direto e transparente a um referente, que um romance não descreve a realidade como ela é, mas isso não significa, segundo ele, que a língua não seja referencial, ou que a literatura nunca descreva o mundo.

Considerando as diferentes abordagens do conceito de representação, o romance de Hermann Hesse, *O lobo da estepe*, se torna expressivo para a discussão sobre a representação literária das grandes mudanças ocorridas com o homem e com mundo durante o período entre guerras. De fato, *O Lobo da Estepe* permite abordar um momento de transição em que o homem moderno já não está mais tão seguro dos valores burgueses, ao mesmo tempo em que, ainda enraizado na vida burguesa, luta contra um mundo caótico e de instabilidade constante. Nesse sentido, o percurso seguido pelo protagonista Harry Haller permite abordar a maneira como se dá a representação da sua trajetória e como ele percebe diferentes configurações do mundo através de seu ponto de vista. Haller vive um momento de crise de personalidade devido aos conturbados incidentes que ocorreram na primeira metade do século XX. Além do ponto de vista de Harry Haller, na sessão do livro chamada “Prefácio do Editor” é apresentada o personagem através do ponto de vista do sobrinho da dona da pensão onde ele mora. Esse narrador-observador posiciona-se socialmente como um típico burguês. Também no capítulo “O Tratado do Lobo da Estepe” apresenta-se um outro ponto de vista, porém de autoria desconhecida.

Na idade moderna, quando discute os primeiros românticos alemães, Costa Lima, em *Mimesis e Modernidade*, levanta a questão da mimesis até chegar, paralelamente, à socialização do sujeito, que encontrava sua razão de ser em si mesmo. A razão de ser é o ponto de partida de Harry Haller que, em seus escritos e também a partir do momento em que encontra o “Tratado do Lobo da Estepe”, passa

a elencar enunciativamente uma série de questionamentos e considerações e a praticar uma série de ações que o leva à reflexão e à busca do seu “eu” dentro de uma sociedade pré-fascista, que bélica e ideologicamente se prepara para um futuro próximo de violência, morte e desumanidade.

Harry Haller, em um primeiro momento, parece estar em conflito com a unidade, a ambiguidade e a dualidade, elementos que revelam a multiplicidade tanto do sujeito quanto da forma de ele ver o mundo. Haller e o Lobo da Estepe são a mesma pessoa que, ora conflituosamente, ora em acordo, habitam o mesmo corpo. No trecho a seguir, podemos observar o conflito que Harry Haller vive em relação ao mundo burguês, de valores e costumes bem definidos, ao escrever sobre o ambiente da pensão onde vive e contrapô-lo ao seu quarto – o seu universo –, que funciona como um espelho de sua alma em conflito, em busca de uma ressignificação existencial em um espaço ainda predominantemente burguês:

Agrada-me respirar na escada esse cheiro de calma, de ordem, de limpeza, de decência e de domesticidade, o que, apesar do meu desprezo pela burguesia, tem sempre algo de comovente para mim, e me apraz também atravessar o umbral do meu quarto, em cujo interior tudo isso se acaba, onde entre os montões de livros aparecem pontas de cigarro e garrafas de vinho vazias, onde tudo está desordenado e negligente, e onde tudo, livros, manuscritos, pensamentos, está marcado e embebido pela miséria do solitário, pela problemática do ser humano, pelo anseio de dar um novo sentido a uma vida humana que já perde seu rumo.⁵

Há um conflito, portanto, em um primeiro momento, entre diferentes modos de pensar o mundo. A unidade que havia sido legitimada em séculos anteriores agora perde força e espaço para a duplicidade do sujeito que, entre o bem e o mal, tenta encontrar um ponto de equilíbrio para harmoniosamente viver no mundo. Harry, por algum motivo, acha aprazível o ambiente da pensão, mas esse ambiente parece apenas nostálgico, antiquado; por essa razão, ele busca em seu interior, trancado em seu quarto, uma nova maneira de justificar a existência humana. No capítulo “O Tratado do Lobo da Estepe”, como poderemos observar a seguir, essa dualidade é

⁵ Hesse, Hermann. *O Lobo da Estepe*. Trad. Ives Barroso. Coleção: Mestres da Literatura Contemporânea. Ed. Record: Rio de Janeiro, 1995. p. 31

rompida por uma multiplicidade de sujeitos que podem constituir um único ser. O que permite desfazer o jogo da dualidade entre o bem e o mal, por exemplo, é assumir o caráter múltiplo do ser humano, que vai além do bem e do mal.

No capítulo “Anotações de Harry Haller”, encontra-se o “Tratado do Lobo da Estepe”, uma espécie de estudo analítico, de registro científico, no qual Harry Haller lê sobre a multiplicidade e pluralidade de personalidades cabíveis em um mesmo indivíduo, de modo a construir uma imagem caleidoscópica da alma humana, o que remeteria Harry Haller a esse sujeito contemporâneo do período entre guerras. Desse modo, são postas em xeque a individualidade e a singularidade de cada ser humano existente, como no momento em que o “Tratado do Lobo da Estepe” discorre sobre a multiplicidade e complexidade de cada ser:

A divisão em lobo e homem, em impulso e espírito, mediante a qual Harry procura explicar seu destino, é uma grosseira simplificação, uma violentação do real em favor de uma explicação plausível, porém errônea da desarmonia que este homem encontra em si e que parece a fonte de seus não leves sofrimentos. Harry encontra em si um “homem”, ou seja, um mundo de pensamentos, de sensações, de cultura, de natureza domada e sublimada, e vê também ao lado de tudo isso um “lobo”, ou seja, um obscuro mundo de instintos, de selvagerismo e crueldade, de natureza bruta e insublimada. (...) Harry compõe-se não de dois, mas de cem ou de mil seres. Sua vida não oscila (como a vida de cada um dos homens) simplesmente entre dois pólos, tais como o corpo e o espírito, o santo e o libertino, mas entre mil, entre inumeráveis pólos.⁶

Ainda em “O Tratado do Lobo da Estepe”, é discutida também a questão do suicídio como sendo uma válvula de escape em relação ao terror e ao peso da existência humana. No ensaio *O mito de Sísifo*, Albert Camus aborda a questão do suicídio como uma consequência da busca do homem por uma significação, um sentido de vida, mas que acabaria no absurdo devido à busca angustiante e incessante do homem por esse sentido. O homem é conflito; parece ser esta a afirmação nas entrelinhas dessa multiplicidade e complexidade do ser humano que questiona e que pensa a própria existência. Em *O lobo da estepe*, o suicídio é mencionado também como uma consequência para aqueles sujeitos que procuram

⁶ Ibidem. P.62-63.

viver a vida em seu limite, fitando sempre o abismo, como se a vida fosse um jogo perigoso:

O “suicida” - e Harry era um deles – não precisa necessariamente viver em relações particularmente intensas com a morte; isso se pode fazer sem que se seja um suicida, É próprio do suicida sentir seu eu, certo ou errado, como um germe da Natureza, particularmente perigoso, problemático e daninho que se encontrava sempre, extraordinariamente exposto ao perigo, como se estivesse sobre o pico agudíssimo de um penedo onde um pequeno toque exterior ou a mais leve vacilação interna seriam suficientes para arrojá-lo no abismo.⁷

Assim, podemos compreender a busca de Harry Haller como a desse homem que não suporta o absurdo da existência, mas que em um impulso pela vida mergulha na procura de uma razão, de uma motivação, embora esteja condenado a assistir a repetições das atitudes humanas. O suicídio parece ser o único meio pelo qual a libertação do espírito pode ser atingida e, dessa forma, assume, através da contemplação ao abismo da existência, a experimentação desenfreada da multiplicidade do “eu” para tentar alcançar a legitimação de sua personalidade, que é constituída por um infinito de experiências e sensações.

A questão do suicídio, que percorre aproximadamente todo o romance e se concretiza no final, também tem sua representatividade na vida do homem e na filosofia do século XX, como no “eterno retorno” de Nietzsche, que é representado pela roda de ouroboros e transmite a ideia do ser que se consome eternamente em ciclos eternos de repetição da vida, aos quais ele está preso e limitado. Com efeito, Anatol Rosenfeld, em “Reflexões sobre o romance moderno”, esclarece sobre a autodissolução do romance psicológico, de forma que a personalidade individual se torna mais abstrata no processo técnico, com a finalidade de revelar as configurações arquetípicas do ser humano que, assim como o tempo mítico, conforme afirma Rosenfeld, são intemporais:

⁷ Ibidem. P. 53

Vimos que a radicalização do romance psicológico do século passado levou a sua autodissolução – da mesma forma como a aprofundação [sic] da pesquisa científica levou à hipótese de o indivíduo consciente e racional ser apenas um ente fictício, epidérmico. Essa consciência individual seria uma tênue camada, uma onda fugaz no mar insondável do inconsciente anônimo. No fundo e em essência, o homem repete sempre as mesmas estruturas arquetípicas – as de Édipo ou de Electra (a própria psicologia recorreu ao mito); as do pecado original; da individuação; da partida da casa paterna, da volta do filho pródigo, de Prometeu, de Teseu no labirinto – e assim em diante. A própria emergência e emancipação do indivíduo racional e consciente apenas parte daquele “eterno retorno”, é um padrão fixo que a humanidade repete na sua caminhada circular através dos milênios.⁸

Nesse sentido, Harry Haller rompe com o arquétipo de homem consciente e racional, percorrendo cenários suburbanos, bares, cabarés, sorvendo a cultura de massa vinda do novo mundo, submergindo sua pessoa na multidão e aprofundando suas experiências no lado subversivo da vida, opondo-se, dessa forma, à racionalidade e à estabilidade do mundo burguês. Como preço a pagar, Harry carrega o fardo de Sísifo, carrega como uma pedra o peso da observação e contemplação de um mundo em ruínas; como um *outsider*, observa a hipocrisia e falsidade do burguês, vê seus valores ruindo à sua volta e prevê a falta de sentido e o absurdo em formação dentro da sociedade do terror pré-fascista. O suicídio, que é considerado pela sociedade como algo que está relacionado à descrença e à desvalorização da vida pelo próprio sujeito, talvez esteja sendo aqui usado como meio de instigar uma reflexão sobre o valor da própria vida e a eterna utopia da busca pela compreensão da existência.

Com isso, o fenômeno da multiplicidade do “eu”, também mencionado no “Tratado do Lobo da Estepe”, pode ser compreendido ainda como uma característica social, histórica e cultural do homem desse período, que, na tentativa de buscar uma identidade e uma unidade, se depara com a complexidade desse novo mundo. Portanto, esse homem questiona valores e antigos paradigmas, que são substituídos por uma nova lógica de pensamento, privilegiando o pragmático, o econômico e o

⁸ Rosenfeld, Anatol. *Reflexões sobre o romance moderno*. Reflexões sobre o romance moderno. In: *Texto/Contexto*. 3ª Ed. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1996. p. 89.

científico e reduzindo o espaço e a importância que eram dados ao Espírito e à Natureza, mais relacionados ao homem dos séculos anteriores. De acordo com Camus, o homem absurdo multiplica o que ele não pode unificar. Para Camus, no plano da história, a unidade mostra-se como uma paixão humana, assim como também o é a visão clara que se pode ter dos muros que. Porém, de acordo com o filósofo, em nenhuma outra época, como no século XX, a razão foi tão atacada:

Todo pensamento que renuncia à unidade exalta a diversidade. E a diversidade é o lugar da arte. O único pensamento que liberta o espírito é aquele que o deixa só, certo de seus limites e de seu fim próximo. Nenhuma doutrina o solicita. Ele espera o amadurecimento da obra e da vida. Destacada dele, a primeira fará ouvir uma vez mais a voz mal ensurdecida de uma alma para sempre livre da esperança. Ou ela não fará ouvir nada, se o criador, cansado de seu jogo, prefere se desviar. Dá no mesmo.⁹

Desta forma, indo ao encontro do que me parece estar representado através da personagem de Harry Haller no romance em questão, a crítica à racionalidade, através do desenvolvimento da questão do suicídio e da multiplicidade de seres dentro de um mesmo indivíduo, afronta o pensamento burguês, correto, coerente e pragmático de pensar o mundo.

Assim, o percurso seguido por Harry Haller ao longo da narrativa acompanha a densidade e a complexidade com que protagoniza a sua própria história. Quanto mais a personagem se afasta de sua zona de conforto, de sua segurança ontológica¹⁰, mais penetra em uma atmosfera absurda, que está relacionada com o mundo exterior. À medida que começa a desfrutar dos prazeres mundanos, é-lhe apresentada a nova cultura vinda da América. Nessa aventura, Haller, guiado por Hermínia e também por Pablo e Maria, é convidado a experimentar todos os prazeres e a transgredir os valores consolidados pela moral burguesa.

A ruptura com o espaço nostálgico burguês, representado pela pensão onde mora, dá-se já no momento em que Harry sai de seu quarto – único refúgio dentro

⁹ Camus, Albert. *O Mito de Sísifo*. Disponível em: http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/clle000131.pdf. p. 83.

¹⁰ GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002, p. 40.

desse mundo burguês – e resolve, num estado de pânico ou alucinação, sair pelas ruas da cidade. Nesse percurso, observa uma pintura esteticamente corrompida de Goethe, quando o escritor, após um jantar mal sucedido com um antigo amigo e professor, percorre os mais diferentes lugares, chegando a um bar suburbano, onde conhece Hermínia. A partir disso, a alteridade entra em jogo. Harry Haller passa a se reconhecer e a reconstruir sua identidade enquanto “imortal” e encontra em Hermínia a chave para a libertação de seu espírito angustiado. Assim, a procura pela personalidade do Lobo da Estepe torna-se uma busca dolorosa e angustiante:

O Tratado do Lobo da Estepe e Hermínia tinham razão em sua teoria das mil almas; amiúde surgiam em mim, junto a todas as antigas, algumas novas almas, com suas pretensões, alvoroçadas, e agora via claramente, como um quadro posto diante de mim, o processo de minha personalidade até então. As poucas habilidades e matérias em que eu casualmente era forte haviam ocupado toda a minha atenção, e eu pintara de mim a imagem de uma pessoa que não passava de um estudioso e refinado especialista em poesia, música e filosofia; e como tal tinha vivido, deixando o resto de mim mesmo ser um caos de potencialidades, instintos e impulsos que me pareciam um transtorno e por isso os encobria com o nome de Lobo da Estepe.¹¹

Harry apenas chega a essa conclusão sobre o desenvolvimento de sua personalidade a partir do momento que entra em contato com o “outro”. Tanto o Tratado quanto Hermínia têm uma importante colaboração para a autorreflexão de Harry, que parece passar a compreender a morte por outro viés que não o iluminista. Com a modernidade, cria-se o sujeito e, paradoxalmente, também a modernidade mata o sujeito. Mata no sentido de tentar privar-lhe de toda potencialidade, instintos e impulsos, mencionados pelo personagem de Haller, anteriormente, e obrigando-o a encarnar a lógica do pensamento pragmático.

Através do contato com Hermínia e Pablo, H.H. tem acesso ao Teatro Mágico, lugar aonde apenas os “loucos” vão. O Teatro Mágico seria uma espécie de entrada a um mundo interior de possibilidades e situações possíveis de se experimentar e, também, um tanto absurdas. Introduzido ao Teatro Mágico por Pablo, depois de

¹¹ HESSE, Hermann. *O Lobo da Estepe*. Trad. Ives Barroso. Coleção: Mestres da Literatura Contemporânea. Ed. Record: Rio de Janeiro, 1995. p. 132.

usarem algumas substâncias que alteram sua percepção do mundo real, Harry é, assim, introduzido às portas de mundos possíveis de experimentação, como um jogo entre imaginação e realidade. Um jogo de experiências e escolhas que são possíveis de serem representadas através de uma brincadeira com espelhos.

A imagem criada do mundo dentro do Teatro Mágico parece representar o jogo da vida. A busca pela personalidade e identidade dentro desse contexto de ruptura com a ordem capital e burguesa vigentes é para Haller uma busca dolorosa e conflituosa pela essência humana, aparentemente sufocada pela Primeira Guerra Mundial e pelo mundo burguês, o que também envolve os aspectos econômicos, culturais e sociais em vigência na Europa na primeira metade do século XX. A substituição do humano pela máquina e, acima de tudo, a aproximação e preparação do homem como mecanismo frio e rígido para combate formam um dos questionamentos do personagem de Haller sobre o homem de seu tempo:

O homem moderno chama a isso sentimentalismo; já não se ama as coisas inanimadas, nem mesmo ao seu mais sagrado objeto, seu automóvel, que está sempre querendo trocar por outro mais novo. O homem moderno é enérgico, capaz, são frio e rígido – um tipo excelente, que será um milagre de eficiência na próxima guerra. Mas tudo isso nada me importa. Não sou um homem moderno, nem também um antiquado. Estava fora do tempo e me arrastava em direção à morte, que desejava. Nada tinha contra o sentimentalismo, estava alegre e agradecido de sentir ainda em meu coração algo assim como alguns sentimentos.¹²

Na passagem acima, notamos a busca de Haller pela essência humana independentemente da evolução histórica. Não é de seu interesse, aparentemente, se o tempo histórico em que vive lhe priva de abrir os olhos para um mundo já esquecido de busca e reflexão sobre a própria existência. Haller não nega o mundo em que vive; pelo contrário, ele o absorve da maneira mais crua possível, aspirando desse mundo todo o seu entorpecimento. Ele entra no jogo de sua época, tentando, através do consumo das drogas, compreender e ressignificar sua existência. Nesse sentido, o protagonista Harry Haller colabora com a representação do indivíduo

¹² Ibidem p. 162-163.

dentro de uma necessidade humana de busca pela essência, em uma sociedade assegurada no cientificismo e nos valores assentados pela Revolução Industrial, e relaciona essa representação à significação existencial, ou seja, a característica que revela aquilo que somos agrega experiências inovadoras para a constituição de sua personalidade. Os três aspectos abordados na discussão de *O Lobo da Estepe* - a multiplicidade, o suicídio e a alteridade - convergem no sentido de pensar um sujeito perdido em um mundo onde os valores até então aprendidos e bem assentados já não representam mais a sociedade vigente. O sujeito de Harry Haller, ligado ao pensamento e à capacidade de pensar e de refletir, recria, através de seus manuscritos, sua própria história.

Dessa forma, Harry Haller busca a essência absoluta que vive por trás da aparência que vemos das coisas; a construção da *imago mundi* dentro do romance de Hermann Hesse dá-se pela transição de posicionamento e reflexão do personagem de Harry através do discurso, desde o questionamento da velha ordem burguesa de pensar o mundo, ou seja, entre moral e imoral, certo e errado, bom e mal, até os mergulhos no desconhecido da sua própria existência, como as aventuras sexuais e as drogas. Os temas abordados levam a crer que o sujeito de Harry Haller representa, através da negação do sujeito burguês, um novo personagem dentro da história, sendo esse novo personagem aquele que desacata e questiona a ordem vigente, a fim de movimentar novas ideias e pensamentos acerca do homem novo que se apresenta a partir do período entre guerras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. Disponível em: http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/clle000131.pdf. Último acesso em: 04 de janeiro de 2014.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: Literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

COSTA Lima, Luiz. *A ficção e o poema*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

HESSE, Hermann. *O Lobo da Estepe*. Trad. Ives Barroso. Coleção: Mestres da Literatura Contemporânea. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1995.

HALL, Stuart. El Trabajo de la Representación. In: HALL, Stuart (ed.). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. Traducido por Elías Sevilla Casas. London: Sage Publications, 1997. pp. 13-74. Disponível em: http://metamentaldoc.com/14_El_trabajo_de_la_representacion_Stuart_Hall.pdf. Último acesso em: 5 de janeiro de 2014.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: *Texto/Contexto*. 3ª Ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1996. pp. 75-97.